

S. Paulo, 16,6,1904

Rangel:

Sairam daqui ha minutos o Ricardo, o Albino e o Lino. Desde o meio dia, uma interminavel conversa por entre numeros d' *O Combatente* e chicharas de café. Sete horas de parolagem. Foste lido e vivamente discutido. Uns põem-te logo abaixo de Machado de Assis; outros arrumam-te em cima dele e achatam-no. Houve berreiros. Albino afirmou sob palavra de honra que ninguem escreve com a tua "propriedade". Ricardo jurou que tens o segredo do termo insubstituivel. Eu pus o *De S. Paulo ao Guarujá* ao lado das excursões de Maupassant\_ ao lado direito! Todos fanatizados por você\_ e eu com medo que isso te perca. Estás sendo vitima duma *gavage* de elogios\_ como em Strasburgo fazem com os gansos do *foie-gras*. Cumpre que resistas, sereno, impassivel, superior.

A tua operosidade contagiou o Ricardo, que anda a trabalhar num poema\_ *O Minarete*. Albino amigou-se com a metafisica alemã. Nogueira, no fundo do Braz, arranca do cranio as primeiras faiscas da "Positividade Hindú". Tito gesticula dia e noite: é ensaio para o grande discurso do dia 18. Eu matuto naquela lei da "Concientização do Inconciente". Em suma: o Cenaculo renasce, tumido de esperanças, apopletico de coragens. Uma ansia de caminhar! Incubar, é o grande lema. O "Trabalhai mancebos", de Zola. E todos viramos formiguinhas.

Tentei arrancar de mim o carnegão da literatura. Impossivel. Só consegui uma coisa: adiar para depois dos 30 o meu aparecimento. Literatura é cachaça. Vicia. A gente começa com um calice e acaba pau d'agua de cadeia.

Aqui até o dia 20; de 20 a 1.º, em Taubaté.

LOBATO.